

# Doidice de Amor

*Eduardo Campos*

Custou a descobrir: carregavam-no qual fardo fosse, algo imprestável, e desse modo jogado em fundo de rede. Custou a perceber: quatro os homens que a levavam se revezando, e parando quase todo tempo ora para o que falava, de voz estralada, pudesse fumar; ora para um segundo, o mais inquieto do grupo, corresse ao mato, a verter. Davam-se na marcha, a todo momento, inesperadas interrupções, enquanto ele, náufrago de insólita tragédia, mortalmente ferido, esforçava-se para compreender o que havia acontecido, que rede era uma em que ia, e porque paravam tanto depositando-o como se trambolho fosse sobre calçadas ou beira de estrada. O pior, dava perceber, a presença de curiosos obstinados, pedindo:

- Abram as varandas da rede, quero ver como ele está.
- Mais adiante, sem querer acreditar, mulher indagava:
- O sangue é todo dele?

O homem de voz estralada, aborrecido, respondia debicar: “Então, por acaso sou eu o ferido?”

O mundo todo, como se combinado, vinha cobrar as mesmas explicações. E os responsáveis pelo transporte da vítima iam repetindo a cada passo: sim, tinha sido cena de sangue de meter medo, e teve início quando o marido da mulher bonita resolveu repelir bravamente o assédio do conquistador...

Acionou o gatilho duas ou três vezes, pei-pei-pei! Aí o resultado, o atrevido arruinado, e eles, pobres trabalhadores de ganho curto, fazendo força...

Ninguém deixava de se acercar, para pedir:

- Por favor, arreda as varandas, quero ver.

Depois de muito tempo, minutos e minutos corridos, a criatura largada na rede descobriu o sangue brotando do corpo, algo viscoso, grudento.

Tentou mexer o braço na intenção de perceber de onde minava aquela gosma, se escapava da cabeça dolorida ou do peito dilacerado.

Em vão. Na verdade foi aí que começou a entender: o haviam acertado com dois tiros.

Fazia tempo? Uma hora ?

Vaga lembrança, tinha.

A se aproximar da casa aconteceu um clarão que custou a entender não ser fogo de artifício... Ainda sem saber o que sucedia, e novamente outro rasgão de luz, e, em ato contínuo, o tremendo impacto no ombro direito.

Foi bater, ele rodopiou, indo estatelar-se de cara, deslizar no cimento caraquento da calçada... E sobre o que restou do clarão, dos estampidos, a voz revoltada (do marido dela, a toda certeza!), a proferir ordem cruel, oprobriosa.

- Retirem esse canalha daqui, de diante da minha porta. Arranjem uma rede, carregue essa praga pra bem longe de minha vista!

Há quanto tempo fora aquilo? Novamente se interroga sem resposta. Mas sabe com alívio que ainda está na sua mão de pouco movimento, o bilhete da mulher, um sofrido apelo angustiado, para que a fosse tirar da prisão em que vivia. "Venha, venha me buscar! Se gosta de mim, não me abandone! Venha! Não suporto viver longe de você."

Preso estivesse, romperia as grades mais fortes do mundo, para atendê-la! Por isso decidiu, e foi ao encontro que ela sugerira, lendo e relendo o dramático bilhete.

E agora?

O cortejo estacou mais uma vez. Novamente o homem de voz estralada querendo fumar em paz, enquanto um terceiro ia explicando:

- Muito bem feito o que aconteceu. Devia ter recebido mais bala! Homem que bole com mulher dos outros, acaba tendo o que não quer ! A mulher tinha dono, nem ligava pra ele...

E agora?

Mexendo os dedos, começou a lutar com as derradeiras forças que o animavam, para esfacelar o bilhete, torcendo para que o sangue da cabeça, e agora sabia que vinha da frente, - descendo, escorrendo do ombro para o braço -, fosse empapar o papel.

- Que cabra sem respeito! - comentou voz indignada.

A mesma história de sempre! A senhora vivia sossegada em casa - contava outro carregador - quando esse inxerido foi-lhe arrastar a asa. Tem mais. O marido já informado, estava preparado. Foi só o atrevido aparecer na frente da casa, chamando o nome da mulher, ele não contou até três... Descarregou a boca de fogo que tinha guardado, pei-pei-pei...

- É por contrato que vão carregando o homem?

- Estamos futurando... Vamos para a casa da mãe dele. Mulher decente, rica. Certamente nos dará um agrado pela obra de caridade que estamos fazendo...

O carregador, que tinha se ausentado, ainda fechando a braguilha, opinou:

- A gente está perdendo tempo. É fechar as varandas, tocar pra diante.

Houve protestos.

A senhora idosa queria ver de perto a fisionomia do conquistador. Dizia: "Um homem desse é mesmo um monstro!"

"- Ninguém não abre mais a rede..." - Sentenciou o carregador de voz estralada.

- E se eu pagar? Posso ver? - indagou o curioso.

A rede já estava sendo erguida, atados os punhos à estaca de sabiá, baixou novamente ao cimento da calçada.

O cidadão caridoso protestou:

- Isso é perversidade! Vocês não têm coração!

Ou porque fosse exaltado o tom de quem falara, ou por, razões de consciência, os quatro carregadores reiniciaram a marcha, mas resmungavam.

Atrás seguiam umas tantas pessoas, e para surpresa de todos, mulher gorda, de voz enlagramada, que viera juntar-se ao bando, puxou um terço em voz alta. Foi a vez de cidadão, bem pensado, sugerir:

- Reze em voz baixa, mulher! O homem é um monstro, mas não merece que o agouremos...

O sol consumira os últimos clarões do dia. E talvez por se avizinhar a noite, o cortejo a cada passo diminuía desfalcado de acompanhantes.

Não demorou, já a seu término reduzia-se a uma dúzia de pessoas. E estacou diante da casa que demandavam, prédio antigo, solitário, plantado em jardim de dalias murchas pela ardência de áspero verão.

Com suspiro de alívio, o de voz que soava estralando, comandou o último movimento do transporte que acabavam de fazer.

- Pronto, aqui é a parada final.

Estavam todos silenciosos, homens e mulheres, a aguardar o último quadro do drama, o grito desesperado, de amarga surpresa, e choro, que nessas horas não se derrama, estilha-se.

Ninguém desfitava o casarão onde alguém, a esse momento, à janela de larga varanda, depois de articular o postigo a modo de sobrosso, tentava apreender o que queriam à sua porta aquelas pessoas perplexas e entristecidas.

Quando os carregadores abriram as varandas da rede, para a senhora do postigo ver o conteúdo, o homem que ali estava já não existia mais.

Nem as mal traçadas letras de mulher apaixonada, mensagem explicativa mas comprometedora, papelucho afinal diluído em sangue.

Em sangue dele, vivo de amor.